

FE- FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DIÁLOGOS SOBRE A SEXUALIDADE

LAURA MARIA RODRIGUES OLIVEIRA KRETLY

2013

FE- FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DIÁLOGOS SOBRE A SEXUALIDADE

LAURA MARIA RODRIGUES OLIVEIRA KRETLY

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO
COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA OBTENÇÃO DA
GRADUAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO,
SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROF^a. DR^a. MARIA TERESA ÉGLER MANTOAN.

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

K885d Kretly, Laura Maria Rodrigues Oliveira, 1991-
 Diálogos sobre a sexualidade / Laura Maria Rodrigues
 Oliveira Kretly. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

 Orientador: Maria Teresa Egler Mantoan.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
 Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
 Educação.

 1. Sexualidade. 2. Orientação sexual. 3. Escolas. 4.
 Parâmetros curriculares nacionais. 5. Educação sexual. I.
 Mantoan, Maria Teresa Eglér, 1943- II. Universidade
 Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.]

13-100-BFE

Agradecimentos

A realização deste trabalho de conclusão de curso foi um desafio não só acadêmico, mas pessoal que só poderia ser vencido com a orientação da minha querida professora e amiga Maria Teresa Égler Mantoan, que não orientou apenas o trabalho de conclusão, mas o caminho da minha construção profissional como educadora. Nesse desafio também foram fonte de inspiração meus pais, Sandra Kretly e Luiz Carlos Kretly, minha irmã Ana Catarina Kretly, meu namorado Murilo Tarozzo e minha amiga Bruna Raffi.

SUMÁRIO

Introdução:.....Página 1

Entendendo a proposta da escola:.....Página 5

O que você aprendeu sobre sexualidade foi relevante para
sua vida?:.....Página 9

Existiu algum outro espaço fora a escola para a discussão
da sexualidade na sua vida?:.....Página 14

Como você gostaria que fosse sua orientação sexual? Que
assuntos deveriam ser discutidos?:.....Página 20

Conclusão.....Página 25

INTRODUÇÃO

O estudo da sexualidade é extremamente polêmico e, se pensarmos esse estudo dentro da escola, gera ainda mais debates e controvérsias. Sobre a sexualidade sempre se falou, mas o seu estudo ficou marcado pelas contribuições de Sigmund Freud. Desde então, muitos outros pesquisadores e estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento se propuseram a estudar a sexualidade mais a fundo. Para ilustrar com mais clareza como o estudo da sexualidade é recente, foi apenas século XIX que apareceu o termo sexualidade. Este não foi apenas um avanço na terminologia, mas um impacto nas relações sociais. Até hoje, a tendência é colocar a sexualidade prioritariamente como um fato biológico e não social e muitos dos estudos atuais propõem romper com essa predominância da visão fisiológica do tema, ou seja, é no estudo da sexualidade em todos os seus aspectos que devemos analisá-la na escola.

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (Louro, 1997, pg.22).

Na instituição escolar, o estudo da sexualidade se configura como Orientação Sexual e para se entender como se dá essa configuração, precisamos entender com clareza a diferença entre Educação Sexual e Orientação Sexual, já que esses termos se confundem o tempo todo.

A Educação Sexual é aquela educação informal que nos constitui como ser social e sexuado e que estabelece valores, medos, preconceitos e posturas em relação à

nossa sexualidade; é a educação que acontece em todos os espaços sociais, é a que recebemos, por exemplo, da nossa família. Já a Orientação Sexual diz respeito a um

processo contínuo de aprendizagem instrumentalizada; é um espaço onde aprendemos sobre a sexualidade mais profundamente, em todos os seus aspectos e que propicia um canal de diálogo aberto sobre o tema.

Segundo a pesquisadora Maria Cristina Domingues Pinto (1995):

Entendemos que cabe à Orientação Sexual propiciar uma visão ampla e profunda da sexualidade humana, favorecendo a reflexão sobre a mesma, assim como estimular a liberdade de expressão abarcando os contextos, social e político, nos quais a discussão sobre a sexualidade está inserida (PINTO, 1995 pg.2).

A discussão da diferenciação entre Orientação Sexual e Educação Sexual é antiga, mas se era percebida apenas como uma diferença de termos, sem muita importância quanto ao significado específico de cada um. Neste trabalho, adoto o termo Orientação Sexual por uma questão de coerência e precisão de significados e para manter o termo utilizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997.

Pensando no significado da Orientação Sexual e no contexto atual da escola pública brasileira, procurei compreender um pouco mais do impacto dessa Orientação dentro de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, nos alunos do 3º. ano do Ensino Médio, que é a última etapa do ensino básico.

Minha intenção é saber como aconteceu essa Orientação, se ela realmente cumpriu com seus objetivos e como se sentem esses adolescentes, nessa etapa tão específica da vida sexual, em relação ao tema da sexualidade. Pretendo conhecer também o impacto da Orientação Sexual e da educação sexual recebida por esses alunos e suas angústias e curiosidades diante do que aprenderam do conteúdo curricular a respeito.

Portanto, os objetivos deste trabalho giram em torno do entendimento e do tratamento do tema Orientação Sexual no ambiente escolar: por quem ele é tratado, como acontece o seu ensino, se faz parte do Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP) e se está baseado nos PCN de 1997 - tema transversal “Orientação Sexual”.

A inclusão, mesmo que tardia, da orientação sexual no PCN como um tema transversal foi um avanço na educação escolar. Sua complexidade perpassa todo o conteúdo escolar, da Educação Artística à Matemática. Como tema transversal, a sexualidade ganha espaço no currículo, abrindo lugares para uma discussão mais ampla do assunto e propiciando aos adolescentes e às crianças entenderem das mais variadas maneiras o que é a sexualidade, que, no geral prioriza apenas questões biológicas da sexualidade, apresentada nas aulas de Ciências.

A instituição escolar deve ser palco e abrigo das discussões sobre a sexualidade, sendo emancipadora e não reprodutora de padrões sociais impostos. O desafio atual da escola e dos educadores é desvencilharem-se desse modelo de reprodução social e se transformarem em profissionais que se dedicam a fazer de seus alunos seres que têm posições definidas diante de assuntos os mais variados. Os professores precisam assumir o papel de orientadores dos alunos, inclusive da vida sexual destes, cuja abordagem é ainda carregada de tabus e preconceitos.

As autoras Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro (1999) apontam o papel desempenhado pela escola :

A escola é uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento aceitas pela sociedade, mas pode também ser um espaço de questionamento desses comportamentos. Atualmente, esfacelada por uma série de motivos, a escola contém espaços de resistência, em que a criatividade e a sensibilidade representam possibilidades de problematização do seu papel (pg. 43).

Para compreender o impacto da Orientação Sexual oferecida no Ensino Médio, realizaram-se entrevistas com o objetivo de conhecer esse impacto, a proposta a Orientação e suas intenções em um contexto escolar restrito: Alunos do 3º. Ano de uma escola da Rede Estadual de Ensino de uma cidade do interior paulista. Os PCN serviram de guia para elaboração das questões da entrevista e as respostas às perguntas mostraram o que se propõe como assuntos a serem desenvolvidos como conteúdos da Orientação Sexual e se estes correspondem ao que é definido nos PCN.

CAP.1: ENTENDENDO A PROPOSTA DA ESCOLA

A escola que escolhi como objeto de pesquisa, apesar de estar situada em uma importante avenida da cidade, é caminho para bairros periféricos muito pobres. A maioria dos alunos da escola vive nesses bairros. Por estar localizada ao lado de uma importante empresa de produtos químicos, alguns alunos são filhos de funcionários que moram em bairros de classe média. Assim sendo, a escola tem um contraste social bastante evidente. A escola também é uma referência no município e tem altos índices de aprovação no vestibular.

Em virtude do meu tempo de convívio nessa escola, por ter estagiado em suas salas de aula durante um ano letivo, pude perceber que a relação desses alunos com a Orientadora Pedagógica é muito próxima; ela é muito engajada nos projetos e muito solícita no atendimento às demandas dos alunos. Antes de entrevistar os alunos, decidi entrevistar a Orientadora para saber como está sendo propiciada a Orientação Sexual na escola, qual é o entendimento dessa especialista sobre o assunto e quem está a cargo dos conteúdos desse tema transversal.

Em minha entrevista com a Orientadora, a primeira pergunta referia-se à inserção da Orientação Sexual no PPP da escola, e se essa inserção era feita como tema transversal. A Orientadora foi muito clara e direta em sua resposta e revelou que a orientação sexual está inserida no PPP, como conteúdo de Ciências e não como tema transversal. Completou informando que o conteúdo é oferecido no ciclo II do Ensino Fundamental.

Na entrevista, a Orientadora referiu que na disciplina Ciências um dos assuntos é o respeito à diferença, que demonstra um avanço na proposta pedagógica da escola e proporciona aos alunos um confronto com aspectos sociais da sexualidade.

Concluiu-se que na escola estudada, a educação sexual oferecida no ciclo II do Ensino Fundamental, especificamente no 7º ano, está basicamente pautada no conhecimento do corpo, caindo mais uma vez na visão predominantemente fisiológica da sexualidade.

Questionei-a respeito do que acontece no Ensino Médio em relação à abordagem da sexualidade. A Orientadora me explicou que não existe uma orientação sexual planejada para esse período escolar, mas que oferecem aos alunos algumas palestras e que conversam com os adolescentes trazendo principalmente a questão dos preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada e planejamento familiar. No entanto, de acordo com o PCN de 1997, a orientação sexual é tratada como um tema transversal e deveria perpassar todas as matérias do currículo escolar, atendendo as demandas naturais dos alunos pelo assunto.

O tema nesta escola é limitado, sendo confinado a uma disciplina e a alguns momentos complementares, em que a escola se abre para colocar em pauta questões referentes à sexualidade e orientação sexual. A Orientadora comentou os motivos pelos quais não é realizado um trabalho mais completo com alunos do Ensino Médio, reconhecendo ser este um tempo em que as experiências sexuais acontecem com frequência.

Ela referiu que na escola não se sentiu a necessidade de trabalhar mais a fundo o tema, já que não houve muitos casos de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Outra vez ficou patente em sua fala o acento da discussão da sexualidade no corpo, em detrimento da sua exploração na totalidade do tema. A adolescência e o período do Ensino Médio são momentos de muitos questionamentos sobre o todo da sexualidade nos alunos, já que as vivências sexuais vão se intensificando nos seus corpos e o contato sexual com o outro entra em cena. É crucial, então, que o adolescente possa entrar em contato com o tema para sanar dúvidas com adultos responsáveis por ele no dia-a-dia, tais como pais, professores, entre outros. A autora Helena Altmann (2003) fala sobre o objetivo dos PCN's em seu tema transversal Orientação Sexual e como ele deve ser trabalhado dentro do ambiente escolar:

A fim de atingir os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal da orientação sexual deve impregnar toda a área

educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento (pg.580).

A família é uma instância que deve estar presente nos momentos de dúvida dos adolescentes sobre a sua sexualidade. Uma das perguntas feitas para a Orientadora recaiu sobre o envolvimento da família em relação à orientação sexual oferecida pela escola. Ela respondeu que esse envolvimento não existia e que os pais aceitavam bem o que estava programado na escola. Uma vez apenas a escola foi questionada por um pai que não gostou da abordagem da sexualidade na escola, mostrando-se insatisfeito com os temas levantados e pediu a dispensa de seu filho nesses momentos de estudo e discussão. Mas houve um diálogo com esse pai e ele aceitou, finalmente, que o filho participasse.

Um dos problemas da educação escolar é a ausência dos pais nas decisões da escola que dizem respeito a temas como a sexualidade e outros, que devem ser compartilhados com as famílias de seus alunos. Com o conhecimento distanciado de suas vidas e fora do envolvimento de suas culturas familiares, o aprendido não faz sentido para os alunos. Esse trecho do PCN (1997), relacionado ao tema transversal Orientação Sexual é exemplo dessa situação:

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (pg.292).

A única contribuição dos PCN para o PPP da escola estudada foi a referente ao estudo do tema com os alunos do ciclo II do Ensino Fundamental, no qual o estudo da sexualidade está atrelado à matéria de Ciências, o que reforça o seu acento no corpo, deixando de lado os aspectos sociais, sentimentos e as responsabilidades inerentes ao estudo de um conteúdo tão vasto e importante já nessa etapa do ensino básico.

CAP II: O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE SEXUALIDADE FOI RELEVANTE PARA SUA VIDA?

Com essa pergunta dei início a uma série de entrevistas com os alunos e alunas da escola em que desenvolvi esta pesquisa. Os alunos, como informado anteriormente, estudavam nela desde o Ensino Fundamental e agora estão no final do Ensino Médio. As entrevistas foram realizadas individualmente com oito meninas e oito meninos na faixa etária de 16 a 18 anos.

O que eu pretendia com essa pergunta era conhecer qual o sentido que os adolescentes entrevistados atribuíam à orientação sexual que tiveram no Ensino Fundamental e no Ensino Médio em suas vidas, considerando que este momento eles estão mais conscientes de sua sexualidade, experimentando momentos de dúvidas, de angústia para expressá-la, nos quais sentem o peso do seu aspecto social. Tal peso é bem traduzido no trecho do documento escrito por Mary Neide Damico Figueiró, em 2009:

...Todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à expressão da sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideia de pecado, de feio e de proibido, ou por outro lado, com ideias de promiscuidade e imoralidade (p.141).

Na adolescência, os tabus sociais que rondam a sexualidade fazem peso e são decisivos nas tomadas de decisões dos adolescentes. São esses tabus que vão ditar quais serão suas experiências e como elas serão vivenciadas, embora estes tabus não ditem desejos, curiosidades e fantasias que começam a fazer parte intensa da vida neste período.

Quando coloquei a pergunta sobre a relevância que teve a orientação sexual na vida dos alunos, as respostas foram bem variadas. Um menino resumiu-as, dizendo-me: “Foi mais teoria só... A base, né!?”

A teoria a que ele se refere, está relacionada a uma concepção de sexualidade limitada, já que nesta escola o tema foi limitado à matéria de Ciências - a sexualidade entendida como uma matéria, em livros, pautada em teorias e manuais.

A orientação sexual dentro das escolas não deve invadir a intimidade dos alunos. Ela deve ser trabalhada no coletivo e abrangendo a sua complexidade, dando conta dentro do possível das diversas dúvidas que os alunos têm sobre o tema e trazendo a sexualidade mais próxima do cotidiano e das expressões sexuais que aparecem dentro do ambiente escolar.

A orientação sexual, quando restrita a uma disciplina curricular, que trata questões de reprodução humana, prioritariamente, reduz a sexualidade a sexo praticado com fins de procriação. Nas respostas, os alunos referiam a aprendizagem desses conhecimentos, que lhes foram apresentados como um manual. E que seus questionamentos não eram respondidos.

Por conta dos tabus sexuais vigentes, as escolas ensinam uma espécie de Bê-a-Bá da Orientação Sexual, onde a escola toca em questões como uso da *camisinha* e outros métodos contraceptivos, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DST's), como se estas resumissem tudo o que realmente importa e é da alçada da educação escolar. Os demais aspectos e conhecimentos da sexualidade são da responsabilidade das famílias dos alunos.

Tal maneira de atuar da grande maioria das escolas visa a sua proteção, já que, sem deixar de tratar do tema, elas o tratam de forma distante, sem muito envolvimento e responsabilidade. Essa dinâmica que acontece nessa escola é muito bem explicada através das palavras da autora Guacira Lopes Louro (1999):

Os professores, portanto, apesar de perceberem a necessidade de adotar uma maior abertura para o tratamento das questões relativas à sexualidade na escola, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões. Sendo assim, geralmente, acabam por relegá-la a um enfoque totalmente biologizante, que tem a função de preservar o

educador frente aos alunos, com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades (pg. 34).

Para que uma escola consiga levar o trabalho de orientação sexual para o cotidiano escolar e para que ele tenha um significado e possa realmente cumprir sua verdadeira função, essa orientação deve abrir caminhos para os alunos, fazendo-os entrar em contato com as mais variadas, opções, posicionamentos e teorias da sexualidade. A instituição escolar precisa estar atenta às diversas manifestações e expressões sexuais que aparecem dentro do ambiente escolar e que estão presentes com frequência no dia-a-dia dos seus estudantes.

Manifestações como essas são a principal chave para uma ação pedagógica que faça sentido. Observar e não ignorar a expressão dos alunos é essencial.

Nos PCN (1997), encontra-se esta citação:

As expressões da sexualidade, assim como a intensificação das vivências amorosas, são aspectos centrais na vida dos adolescentes. A sensualidade e a “malícia” estão presentes nos seus movimentos e gestos, nas roupas que usam na música que produzem e consomem, na produção gráfica e artística, nos esportes e no humor por eles cultivado (pg.296).

Apenas cinco dos 16 alunos entrevistados cinco responderam que a orientação sexual oferecida pela escola foi relevante. Desses cinco alunos, somente um respondeu com convicção; os outros quatro, responderam com dúvidas e testemunharam a relevância do que haviam aprendido sobre métodos contraceptivos, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Um dos estudantes que acredita que a orientação sexual na escola foi importante, respondeu: “Ah, foi, né? Mas eu aprendi mais dentro de casa que meu pai sempre fala: Usa camisinha.”

Esse aluno acredita que foi relevante o que aprendeu na escola e ao mesmo tempo ressalta que em casa ela foi mais significativa. A educação sexual realizada em casa

pode acontecer de diversas maneiras. Ela não é necessariamente direta. Os pais não precisam sentar com seus filhos e conversar expressamente sobre o tema, pois ela está vinculada com as atitudes dos pais e com as opiniões emitidas dentro de casa.

Um dos objetivos da diferenciação da Educação Sexual e da Orientação Sexual na escola é a abordagem do tema de forma mais ampla e competente e sempre buscando atender ao que os alunos querem saber. Quando um aluno responde que a Educação e a Orientação Sexual, como temas de estudo foram relevantes apenas por tratar da *camisinha*, como uma fórmula de Matemática, um conceito de Física, a sexualidade dentro da escola mostra-se extremamente artificializada, ausente e distante gama de experiências, necessidades e interesses dos alunos. Outro depoimento de aluno mostra a debilidade da orientação sexual que recebe na escola:

Ah!...Na escola eles ensinam muito o prevenimento, como você evitar a gravidez, a prevenção, mas na hora, assim, não. Às vezes você aprende muito no momento também, a primeira vez, assim né!?Mas depende da parceira também; quando você pega uma pessoa que não sabe, que tá aprendendo que nem você...Ai eu não sei, mas...Na escola só o básico mesmo.

Em sua fala, esse aluno deixa clara a falta da discussão dos sentimentos, das emoções e envolvidos na vida sexual. Na sua faixa etária, a *primeira vez* é um assunto que não lhe sai da cabeça. Ele expressa receio desse primeiro momento desconhecido, que poderia ser amenizado, se, pelo menos na escola, começasse um processo de mudança, de rompimento dos tabus sociais que envolvem a sexualidade e o tema da *primeira vez* fosse tratado como uma coisa natural, como ele realmente o é.

Com certeza, a *primeira vez* sempre será um momento recheado de emoções novas e de alguns desconfortos. Se, dentro das escolas, a abordagem da Educação Sexual e da Orientação Sexual fosse invertida e não comesçassem com a educação do medo, iniciando-se a com DST, gravidez indesejada e outros assuntos, ela conseguiria, no

meu entender, aplacar a curiosidade, o medo e a vontade de os alunos de conhecer os métodos de prevenção de doenças e da gravidez, os quais apareceriam de forma natural nas discussões, e responderiam aos anseios dos alunos.

Nas entrevistas, quando questionei os sujeitos da pesquisa sobre a relevância da orientação sexual oferecida pela escola, pude notar um tom de conformidade nas respostas e, em alguns casos, de revolta em suas vozes por não terem sua curiosidade e desejo de conhecer mais satisfeitos.

Os alunos esperam do espaço escolar um lugar propício e seguro para resolver dúvidas, onde as perguntas podem surgir e se expressar com espontaneidade e realismo, sem o medo de uma reprovação. Pelo que observei, no espaço restrito que é oferecido para a sexualidade dentro do currículo, os alunos da escola estudada buscam respostas em outros espaços e com outras pessoas. A autora Guacira Lopes Louro (1999), em seu livro “Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade”, refere-se sobre sua própria experiência em relação à sexualidade:

Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga próxima (pg.7).

As informações, ideias, concepções e moralismos que são adquiridos e que nos constituem como seres sexuais dentro da nossa sociedade surgem de várias fontes: a família, a comunidade que nos rodeia, a escola, a internet, as mídias e nossos colegas.

CAP III: Existiu algum outro espaço fora a escola para a discussão da sexualidade na sua vida?

A sexualidade no Parâmetro Curricular Nacional de 1997 é apresentada como tema transversal justamente por não poder se tornar uma disciplina, devido a abrangência de seu termo e conceito. Apesar de sua abrangência e presença em cada segundo de nossas vidas, ele é constantemente confundido com o termo sexo e muitas vezes reduzida a ele. A função da escola ao trazer o estudo para seu currículo e ao PPP é de esclarecer o tema e trabalhar de forma mais ampla possível. Ocorre que a escola traz o estudo da sexualidade de forma instrumental e a nossa educação deve ser sexual é contínua e ser desenvolvida das mais variadas formas.

Neste capítulo, discutirei sobre a educação sexual, essa que se acontece no cotidiano e como ela funciona paralelamente à orientação sexual oferecida pela escola, por meio da pergunta que dá título ao capítulo e que foi posta aos alunos entrevistados.

Tal pergunta, no meu entender é essencial para a análise que faço do assunto, já que, desde que nascemos, já nos manifestamos sexualmente e somos expostos a diversos comportamento sexuais que vão nos constituindo como ser social e formando nosso caráter e concepções. Ao chegarmos à fase escolar, já temos uma bagagem e ideias sobre sexualidade, mesmo que não tenhamos ainda aprendido o termo e o significado social dele.

É importante entender a educação sexual que é contínua e que preconiza o conhecimento escolar, pois ela deve ser levada em consideração no momento de orientação sexual. Conhecer o que entendem os alunos concebem a sexualidade é fundamental, assim como não deixar de fora a comunidade em que vivem e suas famílias.

Com a pergunta lançada, deparei-me com uma situação curiosa. Fala-se muito que os adolescentes não gostam de conversar com os pais sobre sexo e que ficam constrangidos nesses momentos. Os filmes, a televisão oferecem cenas pelas quais os pais podem começar a discutir o assunto com seus filhos e estes, no geral ficavam com *aquela cara de quero sumir*, nesses momentos. Os adolescentes que entrevistei me mostraram um outro cenário: sete dos 16 entrevistados me responderam que a família é um espaço alternativo à escola para a discussão da sexualidade. Esse fato é uma demonstração do avanço da sociedade em relação ao tema da sexualidade, já que não se pode mais ocultar a sexualidade, ela ganhou espaço dentro das casas e escolas. Na mídia, a sexualidade já se faz presente há muito tempo e quanto mais avança a tecnologia, mas difícil é hoje para uma família fingir que o tema não existe. Algumas famílias dão conta dessa abertura, aceitam uma discussão do tema mais livre. Há outras, que ainda não falam diretamente e algumas nem querem tocar no assunto. Mas, inevitavelmente, o assunto se faz presente em todos os espaços de vida das pessoas. Uma menina entrevistada relata os espaços alternativos e a conversa em família da seguinte maneira: “É mais internet e amigas. Meu pais, nunca. Meus pais, nunca... A única coisa que falaram foi que se você engravidar, vou cuidar do filho.”

A entrevistada repete duas vezes “meus pais, nunca...” e depois lembra que já houve uma fala sobre sexualidade na casa, mas foi apenas para a reprovação: se a filha fizer alguma coisa *errada*, vai ter que lidar com a consequência, sózinha.

O medo da gravidez ainda é muito comum; fala-se da gravidez, muito mais do que da doença, como se esse estado fosse uma doença grave. Claro que a gravidez indesejada e na adolescência é um quadro complicado, especialmente no Brasil onde os índices são altíssimos, mas assim como para as doenças, existem métodos preventivos. Parece mais fácil dar a bronca, do que ensinar, guiar os filhos no caminho apropriado. Parece mais simples falar de gravidez, do que aceitar que em algum momento da vida seu filho vai ter sua primeira relação sexual.

Sobre essa forma de educação sexual que acontece em casa, a autora Maria Cristina Domingues Pinto trata em seu artigo “Orientação Sexual X Educação Sexual (1995) o que segue:

Na família, a construção da sexualidade ocorre de forma espontânea e consciente/inconsciente, estruturando a personalidade, o ser social e sexual do indivíduo, com seus valores, temores, preconceitos e posturas (pg.2).

Por mais que a família tenha introduzido o tema em casa, ainda existe em algumas, uma dificuldade em aceitar as manifestações sexuais de seus filhos. A família tem se mostrado castradora. Em 2012 foi lançado um filme chileno, que concorreu ao título de melhor filme dramático estrangeiro no Sundance Festival. Trata-se de “Joven y Alocada” (título original), filme que mostra a relação de uma família evangélica com a sexualidade de uma adolescente de 17 anos, Daniela. Essa moça começa a viver e expressar sua sexualidade intensamente e posta tudo o que vive em um blog. A trama desse filme ilustra com perfeição qual o impacto de uma família castradora e os meios de escape dessa jovem para poder viver da maneira que ela deseja, ou seja, a sua sexualidade.

O filme é baseado em fatos reais e pode ser uma ferramenta apropriada para a instrumentalização de professores. Por ter cenas muito fortes, não me parece um filme adequado para trabalhar na escola com os alunos, já que contém cenas muito fortes.

Contrapondo-se ao relato da aluna que não teve muito espaço em casa para conversar sobre o tema, alguns alunos da pesquisa deixaram bem claro que em suas casas se falava tranquilamente sobre sexualidade e que os pais conversaram sobre o assunto de forma natural. Para a educação sexual dos filhos não existe uma fórmula ou uma apostila a serem seguidas.

O mesmo acontece na escola e dar espaço e se conscientizar das necessidades e particularidades dos filhos e alunos não pode ser deixado de lado. Figueiró (2009) complementa o que estou referindo acima:

Proceder à educação afetivo-sexual de um filho é uma situação muito particular, muito pessoal, na qual cada díade –pai e filho – deve encontrar a maneira mais eficaz de realizá-la (pg.41).

No filme *Joven y Alocada*, a adolescente que usa um blog para se expressar e tirar dúvidas, é um fato que se repete na vida real com muitas outras garotas. Os alunos entrevistados, além do ambiente familiar, citaram mais quatro espaços de possível discussão do tema: entre amigos, a internet, a igreja e revistas adolescentes. Com a chegada da internet, a concepção de sexualidade se transformou e propõe uma mudança de atitude de outros espaços em relação à sexualidade. A rede permite descobertas a respeito, é o lugar onde podemos adquirir respostas para aquelas perguntas mais íntimas e onde nos conectamos com estranhos que não têm qualquer influência em nossas vidas, mas que se identificam com o nosso momento.

As redes sociais revolucionaram não só a sexualidade, mas também as relações entre as pessoas. Recentemente a rede social “Facebook” estourou com um novo aplicativo chamado “Bang with friends” (título original), visando conectar pessoas das listas de amigos do Facebook para a prática do sexo casual.

Você seleciona, em uma lista secreta, os amigos com os quais você tem interesse em transar casualmente. Se algum dos selecionados também selecionou você em sua lista secreta, os dois são avisados para marcar um encontro. Com uma inovação como essa, fica patente como a sociedade está alterando sua forma de agir. O sexo casual, tabu fortemente presente em nossa sociedade, principalmente com as mulheres, começa a ser rompido, ou pelo menos confrontado pela ousadia das redes sociais.

Quando a liberdade é grande, os principais meios de controle aparecem para regular a situação.

O Estado tem a escola para esse controle, mas, a meu ver, a proposta da escola, principalmente a inserida nos PCN é inovadora, aceita em parte uma nova configuração social do tema, mas ainda não se permite entrar a fundo nas discussões mais polemicas, como a homossexualidade, o aborto, o erotismo e outros assuntos. A autora Helena Altmann (2003) tece comentários sobre o foco dos PCN de Orientação Sexual. Segundo essa autora, a introdução da sexualidade no guia provém do indício de que a escola é o método preventivo mais eficaz para se evitarem problemas sobre o desconhecimento da sexualidade no jovem. Descobriu-se que quanto maior a escolarização, menor os índices de gravidez na adolescência e de doenças sexualmente transmitidas.

Outra instituição de peso que vale a pena ser lembrada é a Igreja, especialmente a evangélica, que tem ganhado um importante espaço na sociedade brasileira, influenciando inclusive a política. Os evangélicos se concentram em sua maioria na classe média baixa e na escola pesquisada se evidencia e a força dessa instituição em particular é muito forte.

A influência da igreja evangélica acontece pelo fato de essa igreja ganhar, a cada dia, mais e mais fiéis, enquanto a igreja católica os perde. Ocorre que a igreja evangélica está mais sintonizada com a sociedade, nos dias de hoje, quando se trata de alguns temas. Apesar dessa inovação, a igreja evangélica é uma das mais limitadoras do pensamento crítico dos fiéis.

Um dos motivos da inclusão de uma orientação sexual dentro das igrejas de qualquer credo é a formação de seus fiéis nos conformes da religião.

Nas entrevistas e no convívio que tive com a escola pesquisada, é notável e incompreensível o comportamento dos alunos evangélicos, que se recusou a dar entrevista, inclusive a reação de uma aluna que não se manifestou pelo fato de as pessoas se expressarem de uma forma muito banalizada sobre o assunto. Segundo essa aluna, a sexualidade é levada na brincadeira e ela aprendeu na Igreja que isso é coisa séria e não gosta da forma que os colegas tratam do assunto. Alguns conceitos antigos também aparecem nas falas dos alunos da escola, envoltos em moralismos religiosos e ouvi de alunas que, com convicção não fariam sexo antes do casamento.

Como se posicionar diante de um mundo tão radical em seus extremos? Quando ouvimos comentários sobre a *geração perdida* de nossos jovens, penso que eles são assim considerados por alguns, ou melhor, pelos que ainda não perceberam que a sociedade começou a derrubar tabus, abrir novos caminhos e a destruir um padrão único de conduta dita certa, correta. De fato, as pessoas estão se posicionando diferentemente sobre vários assuntos, inclusive a sexualidade, e as mudanças assustam!

CAP VI: Como você gostaria que fosse a sua orientação sexual? Que assuntos deveriam ser discutidos?

Esse capítulo leva como título a pergunta final feita nas entrevistas com os adolescentes, mas precedendo essa pergunta, fiz um outro questionamento “Em algum momento da sua vida, houve alguma situação em que você sentiu falta de uma orientação sexual?”. Essa questão serviu de gancho para introduzir a pergunta final, já que o objetivo era fazer com que os estudantes refletissem sobre o que lhes foi proporcionado pela escola no que diz respeito à orientação sexual, aos momentos de dúvidas que apareceram durante suas vivências sexuais; como eles avaliam tudo isso e como eles julgam que poderia ter sido essa proposta de orientação sexual.

Quando questionei esses alunos sobre alguma situação em que eles sentiram falta de uma orientação sexual, percebi uma divisão nítida entre os que disseram que sim e os que disseram que não sentiram essa falta. Pensei em tirar essa pergunta do trabalho, já que quando estava em campo percebi que esse assunto causava certo desconforto e vergonha nos alunos. Acredito que as possíveis razões desses sentimentos foram: Pensar que eles eram obrigados a citar e explicar o momento em que isso aconteceu e expor o medo de parecerem inseguros sobre a questão. Resolvi, então, manter a pergunta, porque, ao mesmo tempo em que alguns ficaram receosos ao respondê-la, para outros foi o momento de se soltarem, motivo para eles começarem a contar situações que haviam vivido e a falar com tranquilidade sobre o sexo.

Esse fato mostrou-me que falta faz um espaço saudável de discussão sobre a sexualidade, onde os jovens possam falar confortavelmente e sem medo de repressões. Apesar de eu ser uma pessoa estranha ao grupo, da qual conheciam pouco, alguns adolescentes fizeram questão de contar momentos de intimidade nos quais lhes faltou uma orientação sexual.

Essa abertura que eu tive se deve à carência não só de um espaço propício e pensado para se falar sobre sexualidade, mas também à falta de uma figura acolhedora e preparada para encarar o assunto com naturalidade e da forma que esses adolescentes precisam que seja tratado. Na escola os responsáveis por ministrar o tema da sexualidade são professores da área biológica, ou seja, o tratamento dado à sexualidade é por meio de uma vertente biológica e apartada de qualquer relação com o emotivo e o psicológico, sendo que a sexualidade é complexa e deve ser entendida da seguinte maneira, na concepção de Louro, 2000):

... podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza (pg.03).

Quando entrevistei os alunos sobre seus sentimentos, opiniões e interesses, aspectos nunca abordados no desenvolvimento do tema da sexualidade nessa escola, ainda sendo uma figura jovem que eles podiam se identificar, foi o momento que encontraram para contar suas histórias. Gostaria de destacar a resposta de uma aluna para mostrar como fica expressa claramente a necessidade de, nesse período da vida em que estão vivendo esses adolescentes, compartilhar suas dúvidas e momentos vividos com alguém, de modo que possam ser melhor orientados.

Diante da pergunta: Em algum momento da sua vida, surgiu alguma situação em que você sentiu falta de uma orientação sexual?, a resposta da estudante foi:

- “Sim, várias vezes....Pode? Pode falar? Na minha primeira relação eu acabei achando que tinha engravidado, mesmo com camisinha...E eu tomava anticoncepcional também e sempre achava que estava grávida, eu achava até que sentia o bebê (risos), é uma coisa de medo mesmo.”

Nessa resposta, chama a atenção em primeiro lugar, a dúvida da estudante de achar ou não apropriado contar a situação vivida.

Essa é uma reação natural das pessoas, já que na nossa sociedade, na maioria das vezes, não se pode falar de situações que envolvem sexo, com naturalidade. Só o uso do termo sexo causa, no geral, desconforto e, dentro da instituição escolar, ele é motivo de pânico, da parte de pais e da equipe pedagógica. Os alunos sentem medo de expor uma situação pela qual passaram e que envolvendo sexualidade, inclusive na escola que cursam. A (de)sexualização do ambiente escolar é esperado, por inúmeras razões.

Louro (1999), expressando-se a respeito chama a atenção para:

...o tipo de mulher que éramos ou que desejávamos ser. O cinema, a televisão, as revistas e a publicidade (que também exerciam sua pedagogia) nos pareciam guias mais confiáveis para dizer como era uma mulher desejável e tentávamos, o quanto era possível, nos aproximar dessa representação. A escola, por seu lado, pretendia desviar nosso interesse para outros assuntos, adiando, a todo preço, a atenção sobre a sexualidade (pg.12).

A falta de um ambiente para se abrir é tão visível, que essa aluna que entrevistamos, mesmo tendo acesso à internet, televisão, jornais e educação, conhecendo os métodos contraceptivos e suas funções, teve dúvidas, o que é completamente normal. Ela está vivendo e aprendendo uma novidade e tudo o que ela tem o direito de desejar é alguém que lhe escute, que lhe mostre um caminho e a tranquilize.

Sobre a falta de um espaço que proporcione um momento de livre expressão e que sirva realmente para guiar o caminho desses adolescentes, o que pensam os adolescentes? Como os alunos da pesquisa gostariam de que fosse a orientação sexual recebida na escola?

A intenção deste trabalho é entender a proposta de inserção da sexualidade no currículo e ouvir o que pensam os alunos a respeito. Juntamos aqui alguns de seus depoimentos.

Depoimento 114 – ... *eles ensinam como tem que se prevenir; eu acho que eles deveriam explicar mais como tem que ser, além do método contraceptivo, outras formas, aprofundar mais as ideias, porque muita gente não entende.*

Depoimento 115 – *O uso da camisinha, essas coisas assim, explicar mais. Mesmo porque eu não tive nenhum outro lugar para saber, só a internet... eu procurava saber, mas fora ela não tive outro lugar”*

Depoimento 116 – *Eu gostaria que fosse mais específico. Explicar melhor assim, de como que é, como que acontece, como a pessoa se sente. Deveria falar de gravidez na adolescência principalmente, as doenças sexualmente transmissíveis e como o parceiro se sente*

Depoimento 117 – *Eu acho que precisa ser mais discutido sobre o sentimento, que sexo não é somente aquilo lá, fez e acabou; ser mais orientado de como que é. Não ser visto como algo que não deve ser falado, excluído, tem que ser algo muito normal e normal entre as pessoas.*

Depoimento 118 – *Eu acho que eles poderiam falar que tem sentimento envolvido, mas não sei se isso vem de cada pessoa, tem gente que faz por fazer né!? Que é muito mais envolvido. O que eles passam pra gente na escola é só se prevenir, não só da gravidez, mas das doenças...Tem que ser com uma pessoa especial, você tem que se sentir a vontade, na minha opinião, tem gente que acha que não, mas eu acho que tem que ser mais que prevenção que é o que eles passam”*

Os depoimentos selecionados são de alunos da escola que conseguiram manifestar seu desejo de uma orientação sexual diferente. Eles conseguiram se expressar, mesmo de forma contida, o que gostariam de saber na escola. Só consegui esses depoimentos. Os outros alunos não quiseram/sabiam dizer como gostariam que fosse a orientação sexual ou achavam que a que tiveram na escola satisfaz o desejo de conhecimento deles.

Os alunos mostraram uma preocupação sobre os sentimentos e o momento da relação sexual. Muitos deles chamaram atenção para a falta de preparo dos adolescentes para viver sua primeira vez. Os sentimentos também aparecem com força. Existe um desejo desses adolescentes de se liberarem dessa orientação sexual que fala apenas do fato biológico; eles querem uma orientação sexual crítica, que aborde os mais variados temas e que sirva realmente para suas vidas. Alguns alunos que disseram não saber que assuntos gostariam ou como gostariam que fosse feita essa orientação sexual, apontam uma falha não só na abordagem da orientação sexual, mas de todo o currículo escolar, posto que em raros momentos os alunos têm a oportunidade de escolher temas de estudo de interesse da turma.

Conclusão

Os PCN de 1997, quando orientam a postura do educador e como a escola deve se transformar para abordar o tema da sexualidade, deixam claro que a introdução do assunto deve ser feito de forma transversal, com a contribuição de todas as disciplinas e especialistas responsáveis por ela e, principalmente, com a participação do aluno na construção desse conhecimento. Referem que esse conhecimento esteja aberto a temas que surgirem e forem de importância atual para os alunos e que não sejam um guia, um manual fechado e com “certos e errados”.

Expressando-se a respeito, Os PCN deixam claro que:

Também é importante a construção permanente de uma metodologia participativa, que envolve o lidar com dinâmicas grupais, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação dos debates, a utilização de materiais didáticos que problematizem em vez de “fechar” a questão, possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade. A montagem de um acervo de materiais na escola — como textos e livros paradidáticos, vídeos, jogos, exercícios e propostas de dramatização —, é importante para a concretização do trabalho (pg. 331).

Sendo apenas um guia, os PCN são um referencial para a reflexão do currículo escolar. Não impõem, mas constituem um material que proporciona a discussão do currículo escolar, dos seus conteúdos e da forma como podem ser abordados.

A boa notícia é que os PCN foram e são muito difundidos; nas escolas, os professores, coordenadores e diretores têm conhecimento desse material e o valorizam, apesar de ainda não conseguirem seguir adequadamente as sugestões do documento, que poderiam mudar para melhor o aprendizado e o ambiente escolar.

A orientação sexual, apesar de não ter sido um tema que os PCN foram os precursores e introdutores nas nossas escolas, pois essa é uma preocupação que surgiu no começo da década de noventa e foi fomentada pelo movimento pedagógico, a inovação do documento reside na abordagem dada ao assunto no currículo. Os PCN deu a entender a complexidade desse tema e a necessidade de abordá-lo numa dimensão transversal, para não confiná-lo em uma disciplina nova e nem no conteúdo programático de uma disciplina já existente. O guia a entende como um tema que perpassa todas as disciplinas curriculares.

Ao realizar essa pesquisa em uma escola municipal da cidade de Campinas/São Paulo e admitindo que trabalhei com uma pequena amostra de alunos, pude concluir que o maior empecilho para a adoção e execução da Orientação Sexual como tema transversal é a profundidade que a escola tem que dar ao tema. A Orientação tende a ser distante e exime a escola da responsabilidade do tema, por ser ainda muito polêmico e causador de muita indisposição ao ser tratado por todos – professores, alunos, equipe escolar.

A pesquisa nos levou a concluir que falta um trabalho educativo sobre o assunto na escola, família e na comunidade. Conciliando-se esses três pilares, a abordagem da orientação sexual pode ser feita sem grandes traumas e garantindo que as necessidades dos jovens sejam atendidas e façam sentido em suas vidas. No meu entender, a dificuldade então fica sendo a de conciliar, articular esses pilares entre si. A escola tem de enfrentar o desafio de juntá-los e deixar de ser como uma fábrica, onde seus operários estão focados apenas na sua tarefa e não fazem parte nem menção do todo que estão construindo. A educação é uma co-construção e não sendo assim, a Orientação Sexual e outros conteúdos estão sendo oferecidos de forma artificializada para os estudantes. A sexualidade, assim como outras matérias, disciplinas conteúdos escolares sofre com essa distância da escola da realidade de seus estudantes, da comunidade, das famílias e com isso o avanço educacional se inviabiliza .

Sendo esse o último parágrafo deste TCC , gostaria que este singelo trabalho e os depoimentos maravilhosos dos alunos que dele participaram sirvam para que os seus leitores percebam a importância do tratamento do tema da sexualidade nas escolas e para que professores e toda equipe pedagógica possam se conscientizar da importância e do impacto que a Orientação Sexual, como tema transversal tem na vida dos alunos. O tema deve, contudo, levar em conta a curiosidade e o desejo de conhecimento de seus alunos para atender a seus verdadeiros fins.

REFERÊNCIAS

1. **ALTMANN, Helena** . Barbie e sua história: gênero, infância e consumo. *Pró-Posições* (UNICAMP. Impresso), v. 24, p. 275-279, 2013.
2. **ALTMANN, Helena** . Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), Florianópolis, UFSC, v. 9, n.2, p. 575-585, 2001.
3. **ALTMANN, Helena** . Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), p. 281-315, 2003.
4. **CAMARGO F. M. ANA & RIBEIRO, CLÁUDIA**. Sexualidade(s) e Infância(s): A sexualidade como um tema transversal. São Paulo, Moderna, Campinas, Editora da Unicamp. 144p.1999.
5. **FIGUEIRÓ, D. N. MARY**. (ORG). Educação Sexual: Múltiplos temas, compromisso comum, Londrina, UEL, 190p. 2009.
6. **LOURO, G. L.** Segredos e mentiras do currículo – sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: **SILVA, L. H.** *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.p.33-47
7. **LOURO, G. L.** Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6 a. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 01. 179p
8. **LOURO, G. L.** (Org.). O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. V. 01. 174p
9. **PINTO, D. Maria Cristina**, Orientação Sexual e Educação Sexual, Boletim GTPOS, São Paulo-SP, P.1-4,1995
10. **SILVA, de P., M. Cecília**. (Org). Sexualidade começa na infância: Para pais, educadores e profissionais da saúde, desenvolvimento sexual infantil de 0 a 6 anos, como implantar um trabalho de orientação sexual. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.2007.